



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

JACKELINE FERNANDES MAIA DOS SANTOS

**AS MARIAS SOB O PODER DO PATRIARCADO: UMA LEITURA DE O
EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO**

PATU

2024

JACKELINE FERNANDES MAIA DOS SANTOS

**AS MARIAS SOB O PODER DO PATRIARCADO: UMA LEITURA DE O
EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

PATU

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S237m Santos, Jackeline Fernandes Maia dos
As Marias sob o poder do patriarcado: uma leitura de O Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago. / Jackeline Fernandes Maia dos Santos. - Patu, 2024.
53p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Personagem. 2. Patriarcado. 3. Machismo. 4. Submissão. 5. (In)Adequação feminina. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

JACKELINE FERNANDES MAIA DOS SANTOS

**AS MARIAS SOB O PODER DO PATRIARCADO: UMA LEITURA DE O
EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em: 22/02/2024

BANCA EXAMINADORA

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Prof.^a Dr.^a Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Vanessa Bastos Lima

Prof.^a Dr.^a Vanessa Bastos Lima (Examinadora 1)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Mylena de Lima Queiroz

Prof.^a Dr.^a Mylena de Lima Queiroz (Examinadora 2)
Universidade Federal da Paraíba

À minha querida avó materna, Maria Fernandes, que carinhosamente eu chamo de “mãe”, mulher forte, que ao longo dos seus 83 anos tanto lutou para que seus filhos, seus netos e seus bisnetos tivessem as oportunidades que a vida difícil não lhe permitiu desfrutar.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pets – Frida, Isabella, Neguinha e Cookie –, agradeço por combaterem minha ansiedade e encherem minha vida com amor incondicional, alegria e companheirismo. Vocês são verdadeiros membros da família e iluminam cada dia da minha vida com suas presenças amorosas.

À minha orientadora Annie Figueiredo, meu profundo agradecimento por compartilhar seu conhecimento e sua experiência ao longo desse processo. Sua orientação foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

À professora Luciana Nery, meu mais sincero agradecimento por suas contribuições e seus valiosos esclarecimentos que possibilitaram a criação deste trabalho. Suas aulas foram importantes fontes de aprendizado.

A todos os professores que participaram da minha jornada acadêmica, em especial: Sidileide Batalha, Beatriz Pazini, Lara Rocha, Keila Lairiny, Aline Inhoti, Romerito Costa e Leidiana Alves.

Aos amigos que fazem da faculdade um lugar mais leve e acolhedor – Alvanir Leão, Ianne Ramos, Klebio Galdino, Lucas Maia, Pedro Lucas e Wyslania Elizia –, minha gratidão por transformarem os desafios em oportunidades de crescimento conjunto e por tornarem cada dia na universidade uma aventura cheia de risadas e boas lembranças.

“Maria de Magdala [...] passou ao lado de Maria de Nazaré, e as duas, num relance, olharam-se sem hostilidade nem desprezo, antes com uma expressão de mútuo e cúmplice reconhecimento que só aos entendidos nos labirínticos meandros do coração feminino é dado compreender.”

José Saramago, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*.

RESUMO

Este trabalho objetiva comparar as vivências das duas personagens Marias, considerando o patriarcado no romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2017), de José Saramago. Por meio da análise do patriarcado presente nessa obra, é possível compreender como esse sistema influencia a representação das personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala, bem como suas rupturas ou aderências às imposições da sociedade tradicionalista e conservadora sobre os corpos femininos. Em outras palavras, é imprescindível examinar essa estrutura a partir da adequação ou inadequação das mulheres ao patriarcado para que possamos perceber como as personagens Marias se estabelecem na trama. De acordo com esses entendimentos, para esta pesquisa, adotamos a perspectiva teórica de Zolin (2009), no que tange aos estudos feministas na Literatura; Fiuza (2010) sobre as representações do feminino; Morgante e Nader (2014) debatendo os usos teóricos do patriarcado em estudos feministas; Bonnici (2009) questionando a construção dos papéis sociais que legitimam a subordinação; Oliveira Neto (2012) esclarecendo a relação Literatura e sociedade na obra saramaguiana; Boris e Cesídio (2007) conceituando cultura e mostrando o controle das instituições na diminuição dos lugares que as mulheres ocupam; Federici (2004) sobre as marcas do patriarcado na vida das mulheres; Durão (2020) e Bosi (1988) como metodologias de pesquisa em estudos literários; entre outros. Tendo como resultados a imposição de normas patriarcais que restringem a autonomia das mulheres, punindo qualquer desvio dos padrões de submissão. O sistema patriarcal presente na trama limita e oprime as ações das duas personagens, relegando-as a papéis secundários e reforçando a dicotomia entre os termos "mulher-sujeito" e "mulher-objeto", evidenciando a necessidade de conformidade para evitar violências e opressões.

Palavras-chave: Personagem; Patriarcado; Machismo; Submissão; (In)Adequação feminina.

ABSTRACT

This work aims to compare the experiences of the two Marias, considering patriarchy in the novel *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2017) by José Saramago. Through the analysis of patriarchy present in this work, it is possible to understand how this system influences the representation of the characters Maria de Nazaré and Maria de Magdala, as well as their ruptures or adherence to the impositions of traditionalist and conservative society on female bodies. In other words, it is essential to examine this structure based on the adequacy or inadequacy of women to patriarchy so that we can perceive how the characters Marias establish themselves in the plot. According to these understandings, for this research, we adopt the theoretical perspective of Zolin (2009) regarding feminist studies in Literature; Fiuza (2010) on representations of the feminine; Morgante and Nader (2014) debating the theoretical uses of patriarchy in feminist studies; Bonnici (2009) questioning the construction of social roles that legitimize subordination; Oliveira Neto (2012) clarifying the relationship between Literature and society in Saramago's work; Boris and Cesídio (2007) conceptualizing culture and showing the control of institutions in diminishing the places women occupy; Federici (2004) on the marks of patriarchy in women's lives; Durão (2020) and Bosi (1988) as research methodologies in literary studies; among others. The results show the imposition of patriarchal norms that restrict women's autonomy, punishing any deviation from submission standards. The patriarchal system present in the plot limits and oppresses the actions of the two characters, relegating them to secondary roles and reinforcing the dichotomy between the terms "woman-subject" and "woman-object", highlighting the need for conformity to avoid violence and oppression.

Keywords: Character; Patriarchy; Machismo; Submission; (In)Adequacy of women.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2 PODER E GÊNERO: DINÂMICAS DO FEMININO EM TRANSGRESSÃO	16
2.1 O patriarcado em <i>O Evangelho segundo Jesus Cristo</i>	16
2.2 As representações femininas estabelecidas pelo patriarcado: uma análise literária	23
3 A REPRESENTAÇÃO DO DUPLO FEMININO: CORPOS E COMPORTAMENTOS DAS MULHERES	29
3.1 Duas Marias: uma perspectiva comparativa das personagens	29
3.2 Maria de Nazaré e a adequação feminina	36
3.3 Maria de Magdala e a inadequação feminina	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	52

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura de José Saramago é marcada pela escrita singular. Do ponto de vista estrutural, chama a atenção do leitor a sua escolha por parágrafos longos em discurso indireto livre e diferentes usos das pontuações, pois restringe-se a dois sinais, o ponto e a vírgula. Já em relação à escrita enquanto efeito literário, é notável o teor crítico, com intencionalidade a promover impactos por meio de temáticas que trazem o humano ao centro das discussões, tecendo críticas sociais, religiosas e, principalmente, políticas.

O romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, publicado em 1991, reconta algumas histórias e trajetórias bíblicas a partir da perspectiva de um Jesus humano, questionador e mais próximo ao real, pois possui tanto qualidades (virtudes) quanto defeitos (vícios). Através dele são exploradas as relações com as outras personagens, como o Deus, o Pastor (Diabo), os discípulos e com as personagens que são analisadas no presente trabalho: Maria de Nazaré e Maria de Magdala – amplamente conhecida por Maria Madalena –, mãe e esposa de Jesus, respectivamente.

A narrativa saramaguiana se constrói por intermédio de discussões que são relativas à condição humana, como: vida, morte, amor, vingança, entre outras. É repleta de elementos fantásticos como a existência de diferentes mundos: o céu, o inferno e, em alguns momentos, a presença em um espaço-tempo diferente e insólito, além de apresentar um enredo em que há personalidades bíblicas, como Jesus, que faz sua jornada de herói visitando lugares a fim de entender acontecimentos do passado, do presente e do futuro. Tanto o romance de José Saramago quanto a bíblia utilizam a ficcionalização ao tratar das personagens baseadas em pessoas reais, atuando em eventos também ficcionalizados.

Maria de Nazaré aparece no romance enquanto uma personagem que segue muitos preceitos religiosos e sociais impostos às mulheres de sua época, obedecendo a ideia de um papel feminino de submissão aos homens, como pai, marido e até mesmo filhos homens. Tal submissão se sobressai a sua vivência enquanto indivíduo da sociedade, indo também de encontro à sua vida sexual, pois ela abdica de prazeres carnis, com o intuito de assegurar que seja respeitada socialmente, uma vez que a forma e o nível de respeito são condicionados ao

gênero a qual é direcionado, sendo o feminino muitas vezes posto em detrimento em relação ao masculino.

Em contrapartida, surge Maria de Magdala, personagem subversiva, que quebra as regras e as imposições das mulheres de sua época. Ela exerceu, por muito tempo, a profissão de prostituta, é independente financeiramente e é dona de suas escolhas; vê o sexo como prazer e não algo apenas destinado à procriação. Se para mulheres como Maria de Nazaré, que vivem em concordância com os padrões da época, não é suficiente para impedir os julgamentos, como, por exemplo, casando virgem, tendo muitos filhos, obedecendo ao marido, sendo recatada, etc. Logo, Maria de Magdala que leva uma vida diferente da citada, é marginalizada e desvalorizada, não digna de respeito, de cuidado e de afeto. Uma vez que, era inconcebível a ideia de ser amada por alguém, sobretudo, um homem como Jesus.

No molde da sociedade patriarcal que se estende até os dias de hoje, há relações de julgamentos e de comparações entre as mulheres, especialmente sobre como devem agir, se vestir, se portar e assim por diante. Há uma relação de imposição aos corpos femininos. Para ajudar a entender e questionar essas observações, Lúcia Osana Zolin (2009), em seu estudo intitulado *Crítica feminista*, apresenta algumas definições e alguns termos importantes para o debate literário e a condição da mulher na sociedade. Recorrendo a dois dos termos usados por ela, o “Mulher-sujeito” e o “Mulher-objeto”, em que a primeira categoria é destinada a mulheres que tomam suas próprias decisões, sabem se impor e dominam suas vidas, enquanto a segunda categoria se refere a mulheres submissas, que são designadas a homens e silenciadas por eles. Esses dois termos auxiliam no decorrer da análise deste trabalho por contribuir com o entendimento e a diferenciação das duas personagens Marias, se cada uma das personagens representa totalmente uma categoria ou se fazem parte das duas. É importante discutir em que ponto são partes de uma ou de outra categoria.

Dessa forma, o tema de pesquisa deste trabalho está relacionado ao sistema patriarcal que atravessa as personagens Marias na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. Partindo dessa prática machista e opressora que delimita os espaços e os papéis das mulheres na sociedade, tecendo a análise a partir do viés da crítica feminista na Literatura, elencamos as seguintes questões de pesquisa: [1] quais as representações do feminino são configuradas a partir das duas Marias em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*?; [2] como as limitações

construídas pelo sistema patriarcal regula e oprime as ações das personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala no romance saramaguiano? e [3] de que modo os termos “mulher-sujeito” e “mulher-objeto” recriam as relações patriarcais na trama evangelista de José Saramago?

A fim de sanar esses questionamentos, esta pesquisa delimita-se a partir dos seguintes objetivos, sendo eles um objetivo geral e três objetivos específicos. O objetivo geral é comparar as vivências das duas personagens Marias considerando o patriarcado na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2017), de José Saramago. E os objetivos específicos buscam: [1] entender como o machismo engendra o comportamento das personagens Marias e suas ações; [2] interpretar a estrutura patriarcal e as formas de tratamento dadas às duas Marias; e [3] contrastar os papéis de submissão e de autonomia das personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala.

É produtivo tratar como o patriarcado entrelaça as personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, uma vez que, ele envolve a estrutura social que enreda a obra e impacta na construção dessas personagens, se mostrando uma abordagem relevante para entender como se deu a configuração de suas características e como se justifica o lugar que estão inseridas na história.

Para isso, o autor constrói a narrativa através de um narrador heterodiegético, que aparece criando um espaço para investir no imaginário do leitor, envolvendo-o, fazendo uso da linguagem para ludibriar e instigar o questionamento do que é certo ou errado, guiando a interpretação e possibilitando mais de um sentido para um mesmo episódio. Ele faz a reescrita de livros bíblicos usando artifícios como a ironia para demonstrar a sua crítica. A construção dessas duas personagens citadas ocorre de modo que o narrador atua para questionarmos os papéis impostos e o lugar social que elas estão inseridas.

Pensando na importância do estudo de obras literárias e a contribuição com o debate de questões da sociedade, esta pesquisa é pertinente pois expande os estudos sobre os escritos de José Saramago. O que acarreta um benefício à pesquisa literária na universidade ao trazer uma interpretação diferente dessa trama, explorando temáticas relevantes na atualidade, como a subjugação da mulher, a limitação de espaços ocupados por mulheres e a opressão social, considerando um ponto de vista centrado na crítica ao patriarcado que abrange as personagens

femininas, Maria de Nazaré e Maria de Magdala. Por fim, essa reescrita literária desperta o interesse de estudo, pois detém em seu enredo personagens femininas que não foram amplamente exploradas e são enigmáticas e instigantes, tanto na trama evangelista de Saramago quanto na obra que foi objeto de releitura, a bíblia.

Esta pesquisa adota as perspectivas teóricas de Zolin (2009), no que tange aos estudos feministas na Literatura; de Fiuza (2010), sobre as representações do feminino; de Morgante e Nader (2014), debatendo os usos teóricos sobre o patriarcado em estudos feministas; de Matos e Santana (2011), discutindo a problemática das relações de gênero e poder; de Bonnici (2009), questionando a construção dos papéis sociais que legitimam a subordinação; de Oliveira Neto (2012), esclarecendo a relação Literatura e sociedade em alguns textos de Saramago; de Boris e Cesídio (2007), conceituando cultura e mostrando o controle das instituições na diminuição dos lugares que as mulheres ocupam; de Federici (2004), sobre as marcas do patriarcado na vida das mulheres; Durão (2020) e Bosi (1988) como metodologias de pesquisa em estudos literários.

Ao compreender que pesquisar literatura é mais do que fazer o uso de um esquema fechado de regras metodológicas, no qual a interpretação fica em segundo plano, entendemos a legitimidade do ato de interpretar, pois a partir da interpretação manifesta-se a produção de um novo conhecimento e/ou de outras perspectivas. Acerca dos usos da teoria em conjunto com a interpretação, Durão (2020, p. 12) diz: “não se trata de abandonar a teoria, mas de não deixar que ela predetermine o que se deve fazer com as obras literárias”. Ou seja, a interpretação deve ser a base da pesquisa, mas não significa que não devemos envolver o embasamento teórico, só não podemos permitir que ele ocupe o centro da pesquisa. Com base nisso, a pesquisa deste trabalho sucede seguindo um processo de interpretação em conjunto com a teoria. A elaboração da pesquisa em questão seguiu as etapas metodológicas postuladas da seguinte maneira: [1] orientação para delimitação teórica; [2] leitura e fichamento do material teórico escolhido; [3] análise da obra núcleo deste trabalho.

A análise foi realizada a partir do *corpus*, do livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2017), de José Saramago. E sua construção se dá contrastando as duas personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala diante do patriarcalismo que abrange as relações sociais, culturais e pessoais, construídas com base no gênero, mediante as limitações impostas às mulheres. Deste modo, foi necessário o uso de

recortes da obra literária para analisar e interpretar essas questões a partir de uma ótica feminista.

Para esse fim, a metodologia de pesquisa adotada é de caráter qualitativo. Portanto, o foco é na interpretação, não havendo espaço para a quantificação de dados, visto que a subjetividade é característica inerente à estrutura deste trabalho. Quanto aos objetivos, a pesquisa segue uma abordagem exploratória, a julgar pela necessidade de desvendar e examinar as interações e as influências do patriarcado que entrelaça as duas Marias. Essa abordagem exploratória é importante para ajudar a compreender as normas culturais, as dinâmicas de poder e as representações de gênero que caracterizam as trajetórias das personagens delimitadas.

Este trabalho está organizado em quatro seções, sendo eles: considerações iniciais, em que é abordada a escrita do autor e alguns aspectos divergentes nas personagens Marias; Segunda, é composta por um breve resumo dos dois subtópicos teóricos-analíticos presentes nessa seção, em que o 2.1 aborda o patriarcado que envolve as personagens na trama e o 2.2 aborda as representações do feminino que são estabelecidas mediante o patriarcado; Terceira parte, é composta por um breve resumo dos três subtópicos teóricos-analíticos, em que o 3.1 aborda as personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala a partir da comparação entre suas vivências, enquanto o 3.2 busca questionar a adequação feminina partindo da personagem Maria de Nazaré, e o último subtópico, o 3.3 discute as consequências da inadequação feminina a partir da personagem Maria de Magdala; Por fim, considerações finais, que atua recapitulando os pontos principais que foram abordados, sintetizando as ideias apresentadas.

2 PODER E GÊNERO: DINÂMICAS DO FEMININO EM TRANSGRESSÃO

Este capítulo, dividido em dois subtópicos teórico-analíticos, em que, a partir de uma perspectiva macro de questões que regem o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2017), discorre sobre as limitações impostas às mulheres, evidenciando a existência de uma estrutura patriarcal que as vitimiza e as controla. Delimitando a pesquisa e análise interpretativa direcionadas as personagens femininas, Maria de Nazaré e Maria de Magdala, partindo de suas interações com as personagens que se relacionam com elas e resultam em impactos para manutenção ou quebra das práticas machistas que as cercam. Trazendo o foco para a construção da trama e as relações sociais em seu interior, possibilitando uma ligação entre Literatura e sociedade.

Iniciando com o primeiro subtópico, intitulado “O patriarcado em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*”, que trata como as construções patriarcais que se estabelecem na trama e se relacionam com o universo religioso do romance, destacando como esse sistema se caracteriza e engendra as mulheres no enredo. Tomando essa abordagem, partindo da análise de recortes que possibilitam compreender como essa estrutura desencadeia as relações de poder entre homens e mulheres.

Posteriormente, no segundo e último subtópico deste capítulo, intitulado “As representações femininas estabelecidas pelo patriarcado: uma análise literária”, é abordado como são estabelecidas as representações do feminino na obra aqui estudada, debatendo os diferentes tratamentos destinados às personagens mulheres e como eles se diferem positiva ou negativamente entre as mulheres que estão ou não em concordâncias as imposições sociais de gênero. Sendo, portanto, o estudo elaborado através de frações do romance saramaguiano que dão ênfase às limitações impostas às personagens femininas, que são justificadas por suas condições sociais enquanto mulheres, voltando o olhar para como são moldadas e julgadas pelo patriarcado.

2.1 O patriarcado em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*

A leitura de obras literárias pode ser uma prática positiva tanto para o indivíduo quanto para a sociedade como um todo. Ao agir no desenvolvimento

cognitivo, melhorando a memória, o aprendizado e a expansão da habilidade de pensar criticamente, pois atua imergindo em realidades diferentes das habituais, conseqüentemente estimulando novos conhecimentos. Além de ajudar a entender o ambiente social em que estamos inseridos e facilitar a interação com outras pessoas, pois quanto mais lemos mais aprendemos novos vocabulários/expressões que vão contribuir com a comunicação, como receptores e locutores de mensagens. Quando pensamos em leitura literária, logo vem à mente o objetivo de ler enquanto algo prazeroso, para fins de entretenimento. Contudo, há uma diferente forma de leitura literária, que pode vir em conjunto ou separada da primeira forma mencionada, sendo ela: a leitura analítica, para o estudo crítico das obras literárias, que contempla os aspectos estruturais e/ou contextuais.

Para a leitura analítica mencionada acima, visando a elaboração de uma pesquisa literária, é imprescindível adotar teorias de pesquisa em Literatura que sejam voltadas para a compreensão/interpretação e que não atuem limitando a Literatura, uma vez que, o universo literário não se encaixa completamente no método científico de pesquisa e esse, não compreende toda a vastidão que a Literatura possibilita. No livro *Metodologia de pesquisa em Literatura*, Durão (2020, p. 09) discorre sobre a relação Literatura e pesquisa:

[...] a literatura nunca será capaz de estar à altura da exatidão que habita o núcleo do conceito estritamente científico de pesquisa, materializado em uma noção clara de verificabilidade pela repetição controlada, nem, de outro, a pesquisa, como veremos, tem a condição de dar conta do fenômeno literário em toda sua amplitude, uma vez que a objetividade deste último é constituída por meio da ingerência do sujeito, e não de seu apagamento.

Quando se fala em apagamento do sujeito no método científico, é em relação à subjetividade que tal método não é capaz de abarcar. Dado que, o estudo literário requer a interpretação, sendo ela subjetiva. No livro *A interpretação da obra literária*, Bosi (1988, p. 275) caracteriza a função da interpretação como a capacidade de escolher dentro de nossas possibilidades semânticas, isto é, dentro da nossa habilidade de compreender, atribuir ou usar significados das palavras em nossa linguagem, com o desígnio de selecionar unicamente as que seguem o aspecto essencial que busque decifrar o questionamento de “o que o texto quer dizer?”. Portanto, entendendo que a interpretação é um conglomerado de saberes que são influenciados pelo contexto social que estamos inseridos, por nossas crenças

personais, por experiências e pelos conhecimentos prévios que possuímos, vemos o papel da subjetividade no ato da interpretação. Pois parte de um ponto de vista particular de cada indivíduo, sendo assim, mutável.

Desta forma, para entender como se dá a construção patriarcal presente no romance aqui estudado, utilizamos *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago*, de Pedro Fernandes de Oliveira Neto (2012, p. 38). Ele discorre sobre a relação que as personagens da ficção possuem com o mundo real: “A sua força de convicção está devidamente dependente da forma como o escritor vê e concebe o mundo, isto é, o modo como o escritor percebe o ritmo social e o transforma em tecido ficcional”. Pois quando o autor escreve a história, ele adequa a narrativa ao contexto social que ele julga pertinente para a construção do enredo, trazendo elementos temporais de cunho social, político e cultural reais, contribuindo com o âmbito imagético elaborado pelo leitor.

Deste modo, o patriarcado foi construído na narrativa saramaguiana interpretando e reafirmando não só elementos presentes no universo dos textos bíblicos – objeto de releitura de Saramago –, como também, usou de recursos da própria história de um dado período da humanidade, fazendo isso através de referências culturais, religiosas, geográficas e temporais de um povo. Sucedendo este entendimento, o viés interpretativo da obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* parte do seguinte trecho:

Maria vai à sinagoga, entra pela porta lateral, que a lei impõe às mulheres, e se, é um supor, lá se encontram ela e trinta companheiras, ou mesmo todas as fêmeas de Nazaré, ou toda a população feminina da Galileia, ainda assim terão de esperar que cheguem ao menos dez homens para que o serviço do culto, em que só como passivas assistentes participarão, possa ser celebrado. (Saramago, 2017, p. 29)

Se evidencia, a partir desse fragmento, a posição que as mulheres ocupam em relação aos homens dentro do ambiente religioso que essa obra manifesta, sendo elas seres passivos, que não podem se impor, emitir opiniões e tão pouco, tomar decisões nos muitos aspectos da vida cotidiana. Estando a dispor de escolhas positivas e negativas que não são tomadas por elas, mas que impactam suas vidas. Exemplo disso, é que mesmo em maior quantidade, trinta e uma mulheres contra dez homens, não ocupam o lugar de privilégios, sendo elas uma maioria minorizada. Deste modo, no caso de o mínimo exigido de presença masculina não ser

alcançado, as manifestações religiosas não podem ocorrer livremente, impondo-as a um papel secundário aos homens até mesmo no direito de exercer a fé. Estabelecendo uma conexão da trama com a realidade em que as mulheres vivenciam desde antes da modernidade.

Nesse mesmo recorte exposto acima, vemos o narrador se referir à população feminina de Nazaré como “fêmeas”, as colocando em uma posição animalésca de serventia, fazendo ligação às criadas, que estão ali com o propósito de servir ou mesmo, como animais, procriar. Thomas Bonnici (2009, p. 259) em *Teoria e crítica pós-colonialistas*, discorre, a partir da teoria de Edward Said, acerca dos pressupostos que sustentam a hegemonia do Ocidente. Vem questionando a construção dos papéis sociais que legitimam a subordinação de outros povos, pois: “subverte os pressupostos de uma objetividade espúria que sustenta o Ocidente, a unicidade de sua cultura e de seu ponto de vista”. Nos mostrando a existência de um Outro (com “O” maiúsculo) que representa o colonizador/europeu/branco que é entendido como civilizado e detentor do conhecimento e o outro (com “o” minúsculo) que seria o colonizado/não-europeu/não-branco posto em um lugar animalizado e não-civilizado. Trazendo esse viés teórico para esta análise, vemos os homens ocupando o lugar dominador, o Outro na sociedade, enquanto as mulheres restam esse lugar do outro, do dominado. Pois são compreendidas como não pertencentes do centro que permeia as discussões relativas a questões essenciais para a comunidade que estão inseridas, restando-lhes a “porta lateral”.

Ainda nessa alegoria dos lugares sociais que correspondem aos gêneros, vemos as mulheres exercendo a função de cuidadoras dos seus maridos. Atuando em várias funções simultâneas no lar, enquanto a eles permanece a obrigação de prover. O que ocasiona em uma supressão das necessidades próprias das mulheres, pois se deixam em segundo plano, causando um apagamento do sujeito mulher em decorrência da ascensão dos sujeitos mãe e esposa. Mais adiante, em um outro momento da narrativa, o padrão de superioridade masculina é novamente mostrado, quando o narrador descreve a hierarquia entre homens e mulheres no momento da alimentação:

Ao cabo, postos primeiramente os burros à manjedoura, sentaram-se os viajantes a comer, principiando pelos homens, que as mulheres já sabemos que em tudo são secundárias, basta lembrar uma vez mais, e não será a última, que Eva foi criada depois de Adão e de uma sua costela, quando será que aprenderemos que há certas coisas que só começaremos a

perceber quando nos dispusermos a remontar às fontes. (Saramago, 2017, p. 55)

Nesse segundo momento, outra vez se percebe a posição secundária que as mulheres ocupam, que se justifica por um preceito religioso, pois quando o narrador, de forma irônica, cita a origem do motivo das mulheres virem após os homens, ele remete a uma concepção religiosa, sendo esta, o mito do Gênesis da criação do mundo, que surge os primeiros humanos, Adão e Eva. Em que Eva veio a partir da costela de Adão para acabar com a solidão que ele vivenciava, sendo assim, parte secundária dele. Nesse mito, em dado momento, Eva age persuadindo Adão, o fazendo desobedecer a Deus e comer o fruto proibido. Trazendo a ideia das mulheres como objeto de perdição masculina, que detém em sua natureza a capacidade de ludibriar e confundir a mente dos homens, de fazê-los pecar, dissuadindo-os ao erro.

Essas visões sexistas do texto cristão acabam por contribuir com a marginalização feminina, em que muitas vezes estão em um lugar subjugação de caráter, que a todo momento querem atentar contra a moral estabelecida na sociedade. Pensamento esse que acarreta na necessidade de controlar e limitar a voz, o corpo e a liberdade das mulheres, pois parte do entendimento de que estão tramando contra os homens. Como vemos a seguir:

Se a lei não tivesse feito calar as mulheres para todo o sempre, talvez elas, porque inventaram aquele primeiro pecado de que todos os mais nasceram, soubessem dizer-nos o que nos falta saber, Quê, Que partes divina e demoníaca as compõem, que espécie de humanidade transportam dentro de si, Não te compreendo, pareceu-me que estavas falando do meu filho, Não falava do teu filho, falava das mulheres e de como geram os seres que somos, se não será por vontade delas, que cada um de nós é este pouco e este muito, esta bondade e esta maldade, esta paz e esta guerra, revolta e mansidão. (Saramago, 2017, p. 62)

A voz e a liberdade das mulheres, no decorrer da história, foram vistas pelo patriarcado como um mal a ser controlado, resultando em uma restrição na consciência da comunidade feminina de exercer a emancipação de seus corpos, trazendo a noção coletiva de incapacidade e culpa. Pensando nisso, Silvia Federici (2004, p. 187), em *Calibã e a bruxa*, afirma que “a definição das mulheres como seres demoníacos e as práticas atroz e humilhantes a que muitas delas foram submetidas deixou marcas indelévels em sua psique coletiva e em seu senso de possibilidades”. Ou seja, essas subjugações afetaram as mulheres não só

individualmente, mas também de forma coletiva. O que ocasionou em passividade e submissão.

Ainda no excerto acima, vemos a demonização feminina, em que nessa conversa entre Simeão e José sobre a natureza das mulheres. Simeão diz: “Se a lei não tivesse feito calar as mulheres para todo o sempre, talvez elas, porque inventaram aquele primeiro pecado de que todos os mais nasceram” (Saramago, 2017, p. 62); e, adiante, se questiona: “que partes divina e demoníaca as compõem” (Saramago, 2017, p. 62). Percebe-se a culpabilização feminina por quaisquer defeitos ou falhas masculinas que venham a ter. Recaindo sobre elas inúmeras responsabilidades, especificamente sobre as mães: “falava das mulheres e de como geram os seres que somos, se não será por vontade delas, que cada um de nós é este pouco e este muito, esta bondade e esta maldade, esta paz e esta guerra, revolta e mansidão” (Saramago, 2017, p. 62).

Desta maneira, o encargo dos erros que os filhos vierem a cometer é das mães que os geraram e os criaram. Nessa perspectiva, os aspectos que compõem o caráter do ser são transmitidos ao homem a partir do contato com a mãe, em seu ventre, durante a gestação e na convivência após o nascimento. Essa discriminação feminina engloba também a biologia dos corpos, em que o da mulher é visto como sujo e impuro, capaz de persuadir o homem e sujá-lo com suas impurezas. Neste recorte, observamos tal aspecto:

Agora com o coração mais desanuviado de preocupações, pensou que estaria bem perguntar a Maria como ia ela de dores, porém não pronunciou a palavra, lembremo-nos de que tudo isto é sujo e impuro, desde a fecundação ao nascimento, aquele terrífico sexo da mulher, vórtice e abismo, sede de todos os males do mundo, o interior labiríntico, o sangue a as humidades, os corrimentos, o rebentar das águas, as repugnantes secudinas, meu Deus, por que quiseste que os teus filhos dilectos, os homens, nascessem da imundície, quando bem melhor fora, para ti e para nós, que os tivesses feito de luz e transparência, ontem, hoje e amanhã, o primeiro, o do meio e o último, e assim igual para todos, sem diferença entre nobres e plebeus, entre reis e carpinteiros, apenas colocarias um sinal assustador a tornar-se, sem remédio, imundos. (Saramago, 2017, p. 76)

Nessa passagem se destaca a ótica degradante direcionada a natureza sexual e reprodutiva feminina, como algo imundo que contamina os homens, “desde a fecundação ao nascimento”. Pois, como mencionado anteriormente, os aspectos naturais (biológicos) dos corpos femininos são vistos como impurezas, como o sangue da menstruação, o corrimento vaginal, os líquidos que saem pela vulva no

momento que a bolsa rompe durante o parto, e até o sexo é entendido como sujo, mesmo quando feito por marido e mulher, sendo ele, repreendido de ser comentado pelas mulheres, e até mesmo os homens evitavam falar.

As percepções aviltantes direcionadas às mulheres, surgem partindo da construção machista, religiosa e conservadora que configura a trama, pois o posicionamento das personagens, unida a estruturação do universo ficcional, indica a presença de um sistema patriarcal que julga as mulheres, de modo a defini-las negativamente como sórdidas, manipuladoras e persuasivas, imputando-as a inúmeras características nocivas, que vão desde a desvalorização da capacidade que elas têm de lidar com problemas, a diminuição da inteligência que possuem, a desqualificação das habilidades profissionais, etc., até a depreciação de seus corpos e de sua natureza.

Nessa lógica, explorando o patriarcalismo, Morgante e Nader, no trabalho intitulado *O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico* (2014), traz uma válida contribuição para as pesquisas, pois surge o debate acerca de diferentes usos teóricos do patriarcado em estudos feministas, mostrando que este pode aparecer de forma substantiva e adjetiva. Em que a perspectiva substantiva é explicada partindo do entendimento simplificado do patriarcado enquanto estrutura social hegemônica masculina. Ou seja, a visão do patriarcado como um sistema com significativa influência na sociedade, moldando e estruturando as relações de poder e gênero.

Desse modo, este, pertence às esferas políticas, sociais e culturais de um lugar e que, a partir da posição em que ocupa, há a imposição dos indivíduos do sexo masculino como superiores. Sendo assim, está de forma intrínseca atrelado ao núcleo das organizações sociais compostas por grupos, podendo ocupar até mesmo, a cerne das relações familiares. O patriarcado enquanto um sistema, ou mesmo, uma organização dentro da sociedade, é capaz de traçar como os indivíduos vivem de acordo com o gênero, podendo abranger tanto a dominação masculina quanto a exploração feminina, além de se mostrar com a possibilidade de variação nos estudos feministas por possibilitar que o conceito seja:

[...] utilizado de forma abrangente, abarcando todos os níveis da organização social, que patriarcado no seu sentido substantivo é tão frutífero para analisar as diversas situações de dominação e exploração das mulheres. O uso de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está

presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. (Morgante e Nader, 2014. p. 02-03)

Desta forma, o torna capaz de ser mutável à medida que a sociedade se transforma, pois, essa perspectiva teve sua estruturação formulada e implementada mediante o surgimento do capitalismo na modernidade e a expansão das sociedades. Enquanto sua segunda forma é explicada como uma adjetivação do patriarcado, pois “[...] o conceito adquire o caráter de natureza humana e, enquanto tal, sua existência é inevitável e sem explicação precisa.” (Morgante e Nader, 2014, p. 04). Ou seja, nessa segunda perspectiva o patriarcado tem um valor de gênese da civilização humana moderna, tendo seu surgimento nos primórdios da humanidade. Sendo desta forma, positivo para a sociedade, especialmente para os homens. Pois esse meio de organização é entendido como uma evolução social natural humana. Uma vez que, é algo natural da nossa espécie e a “gênese da civilização se deu com a vitória do pai, com o surgimento da família patriarcal.” (Morgante e Nader, 2014. p. 05), mostra-se com o caráter de interpretação literal e adjetivada, sendo desta forma, fixa na sociedade.

A partir das duas perspectivas, é notável que a primeira assume maior abrangência para os estudos do patriarcado em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, favorecendo a análise da obra em seu caráter subjetivo, trazendo contribuição para o estudo e debate, pois como foi visto, este surge enquanto um sistema que acarreta comportamentos sexistas e opressores englobando a sociedade recriada na narrativa; enquanto a versão adjetivada, por se mostrar fixa, não é capaz de abarcar a complexidade das relações das personagens e as diversas interpretações e possibilidades heterogêneas que esta releitura bíblica concebe. Sendo assim, a perspectiva adotada neste trabalho foi a de caráter substantivo.

2.2 As representações femininas estabelecidas pelo patriarcado: uma análise literária

As representações do feminino, ao longo da história, foram definidas por intermédio do olhar masculino direcionado às mulheres, que a depender de como elas portam-se, em favor ou em desvio das normas estabelecidas pelo sistema patriarcal, serão ou não vitimadas pela intervenção social que dita o que é ser moralmente aceitável ou uma depravação, sendo uma forma de domínio/colonização

do corpo feminino. Como Ochy Curiel (2020, p. 127) aborda a partir do conceito colonialidade do poder, de Aníbal Quijano, em que esse “implica relações sociais de exploração/dominação/conflito”, abrangendo muitas esferas da sociedade a fim de controlá-las, como a do trabalho, da reprodução, do sexo, da subjetividade, do conhecimento e de outras. Desta maneira, nesse sistema de dominação, se faz indispensável a presença de um ideal de moralidade que estabeleça a estrutura dessa conjuntura opressora e que a mantenha funcionando, para assim, determinar quais pessoas estão ou não em desvio, neste caso, as mulheres. Esse ideal moral advém da religião. Surgindo então, configurações do feminino que vão de encontro às imposições patriarcais e as que vão em oposição a elas.

No romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* a qualificação ocorre por meio do controle patriarcal, que atua se sustentando na idealização da moralidade presente na religião, tratando as mulheres como secundárias aos homens. Em conexão a isso, Sílvia Regina Fiuza, em sua tese de doutorado *Imagens do feminino: a construção de gêneros na televisão brasileira*, aborda a relação hierárquica presente entre homens e mulheres, havendo uma ideia de que a mulher: “simboliza a condição decaída da humanidade. Em oposição ao homem, associado ao espírito, à alma.” (2010, p. 115). Visão que perpetua a superioridade masculina, pois cria uma falsa relação das mulheres a comportamentos negativos como a deslealdade, a manipulação e a histeria, pois eles são colocados como seres racionais e elas como instáveis, que são dominadas pelas emoções, como podemos ler adiante:

[...] o homem aparece ligado ao mundo da mente, da inteligência, e a mulher ao mundo dos sentidos (e, assim sendo, é incontrolável e não confiável), levando a outras oposições como intelecto/corpo; racional/irracional; autocontrole/concupiscência; razão/emoção; ordem/desordem; cultura/natureza. Porém, em um segundo nível, o homem engloba a mulher – seja fisicamente, seja intelectualmente, ela é “parte”. O casamento e a maternidade surgem, assim, como meios de controlar a tendência “disruptiva” da mulher, restituindo-lhe a integridade pela associação com o homem. (Fiuza, 2010, p. 116)

Nesse sentido, a mulher só é concebida como um indivíduo (ainda que secundário) quando está sujeitada a um homem. Mostrando como o patriarcado atua na desumanização feminina, pois para que sejam vistas e tratadas como humanas que possuem direitos a serem resguardados, precisam estar subordinadas a homens, e em estreita concordância às imposições que lhes forem atribuídas. Essa

subordinação é tão fixa na trama evangelista, que Maria de Nazaré não podia fazer questionamentos a seu filho Jesus após uma certa idade da adolescência dele, uma vez que, ele já sabia “o lugar das mulheres no mundo”:

Maria já estava à espera do filho, e, coitada, não podia perguntar-lhe como ia nos aproveitamentos, nem esse simples direito ela tem, pois lá diz a máxima terminante do sábio, Melhor fora que a Lei parecesse nas chamas do que entregarem-na às mulheres, também não devendo ser esquecida a probabilidade de que o filho, já razoavelmente informado sobre o verdadeiro lugar das mulheres no mundo, incluindo as mães, lhe desse uma resposta torta, daqueles capazes de reduzir uma pessoa à insignificância. (Saramago, 2017, p. 130)

Vemos que Maria de Nazaré, além de não poder perguntar como Jesus ia nos estudos na sinagoga, já que estava próximo a se formar, corria o risco de receber uma represália. Evidenciando a forma como, mesmo quando as mulheres ocupavam o pouco espaço que lhes resta na hierarquia social, elas sentiam medo e eram desvalorizadas. Pois o lugar que estão inseridas na sociedade patriarcal as deixam com pouca influência nas decisões que as rodeiam.

Por isso, como foi visto acima, havia uma crença de que as mulheres não deviam ter uma posição participativa em questões relativas aos ensinamentos aprendidos na sinagoga e na criação de leis, destacando, mais uma vez, a ideia de que as mulheres são movidas pela emoção e não conseguem usar a razão. Além de que; “[...] a figura da mãe, foco material e simbólico (...) do grupo familiar, aparece como ser desinteressado, devoto, recatado, resignado, autossacrificado e doador de cuidados protetores. Uma referência clara ao modelo divino da Virgem Maria.” (Fiuza, 2010, p. 121). Sendo assim, as mães deviam demonstrar sutileza e ser quase invisíveis, até mesmo, ao se dirigir aos filhos.

Diferente de Maria de Nazaré, a personagem Maria de Magdala não possuía o conhecimento do amor materno, pois não teve filhos: “Maria de Magdala não conhece, de experiência sua, o amor de mãe pelo seu filho, conheceu, enfim, o amor da mulher pelo seu homem, depois de tudo, antes, haver aprendido e praticado do amor falso, dos mil modos de não amar.” (Saramago, 2017, p. 328). O “amor falso” que o narrador descreve é o que lhe foi dado pelos homens, quando ela se prostituía, pois apenas quando construiu um relacionamento com Jesus ela pôde provar o amor recíproco de cuidado, de respeito e de lealdade. Sendo algo incomum nos outros relacionamentos esse tratamento dado por Jesus a Maria de Magdala.

Um homem estar com uma mulher como Maria de Magdala era mal visto pelas outras pessoas, pois na visão deles, ela era uma pecadora e mulheres com esse título eram marginalizadas, não dignas de respeito. Muitas vezes agredidas e assassinadas, como nesse caso em que a mulher cometeu adultério:

[...] por viver Jesus com Maria de Magdala sem com ela estar casado, prostituta que havia sido, ainda por cima, por isso não devia estranhar que estando uma mulher adúltera a ser apedrejada, conforme a lei de Moisés, e disso devendo morrer, aparecesse Jesus a interpor-se e a perguntar, Alto lá, quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lançar-lhe uma pedra, como se dissesse, Até eu, se não vivesse, como vivo, em concubinato, se estivesse limpo da lacra dos actos e pensamentos sujos, estaria convosco na execução dessa justiça. (Saramago, 2017, p. 349)

Revelando, nesse trecho, a diferença no julgamento entre homens e mulheres, que apesar de ambos estarem passíveis de cometerem erros, apenas os cometidos por mulheres são julgados com rigor nas punições. Ironicamente, o narrador demonstra a hipocrisia de Jesus, pois só se manifestou para defender a acusada de adultério por se considerar impuro ao estar se relacionando com uma ex-prostituta. Esses entendimentos se relacionam com as ideias que se perpetuam fora desse universo ficcional, em que a mulher deve ser um exemplo de decência, que não pode sucumbir mediante prazeres carnis e sociais, e que sempre deve estar presa em uma vida sem poder escolher como quer seguir. Caso contrário, poderá sofrer violências e exclusões até mesmo de sua família.

Portanto, a importância da crítica literária feminista, dentro da relação Literatura e sociedade, parte de um olhar que entende a mulher como um sujeito inteiro, inserido em uma sociedade patriarcal que atua implicando limitações e subjugações direcionadas ao sexo feminino. Sendo assim, a crítica feminista, através da Literatura, busca identificar e discutir as marcas de gênero que estão presentes no universo literário. Em *Crítica feminista*, Zolin (2009, p. 218) diz que: “[...] a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta [...]”. Questiona a estrutura social patriarcal, por meio do estudo e debate, a fim de compreender a realidade social consolidada e as relações de poder que atuam sustentando tal estrutura, em que homens se acham superiores, e veem as mulheres como parte secundária deles, ou rivais. Dessa maneira, contribui com a luta para ampliar os lugares que as mulheres ocupam.

Desde o início da civilização humana, as mulheres ocupam uma posição distinta em relação aos homens. A elas ficam incumbidas as várias funções domésticas, como a tarefa de cuidar da limpeza do lar, do preparo da alimentação e também, dos filhos; enquanto a eles, a tarefa de prover o sustento da família. Em conjunto a essa tarefa, vem os direitos: ao voto, à propriedade, ao trabalho fora de casa, à liberdade de expressão e à autonomia para tomar decisões nos muitos aspectos da vida social e particular. Sendo esses direitos básicos, por muito tempo, renegados as mulheres. Esses aspectos são abordados no trabalho *Gênero e poder: só não vê quem não quer*, de Matos e Santana (2011, p. 04). Nele há um estudo sobre as diferenças entre homens e mulheres, mediante a existência de um perfil imposto aos gêneros:

[...] a herança da sociedade patriarcal traçou um perfil do que é ser homem e mulher, onde algumas características, ao longo da história, separam o que é próprio de homem e mulher, isto é, o gênero determina quem faz o quê e quem toma as decisões, pois tanto homens quanto mulheres desempenham um papel produtivo e comunitário nas esferas cultural, familiar e social.

Essas diferenciações entre os gêneros, atuam impondo limitações no crescimento feminino em muitas esferas, sendo a financeira uma das que causam maior impacto nas liberdades femininas, implicando em falta de autonomia, mantendo as mulheres submissas aos homens. Sendo essas limitações e diferenciações de gênero algo constante na história, a exemplo disso, os estigmas baseados em crenças populares relacionados à construção biológica dos corpos. Acerca da condição feminina na Inglaterra durante a Era Vitoriana em 1832-1901, Zolin (2009, p. 220) mostra a visão daquela sociedade em busca de controlar os espaços, impedindo que sejam ocupados por mulheres, contribuindo com a difusão de uma concepção estigmatizada da capacidade intelectual feminina, de modo que, esta era considerada inferior à capacidade intelectual masculina:

[...] foi tenazmente marcada por diversos tipos de discriminação, justificadas com o argumento da inferioridade intelectual das mulheres, cujo cérebro pesaria 2 libras e 11 onças, contra as 3 libras e meia do cérebro masculino. Resulta disso que a mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa.

Vemos então, as dinâmicas de poder ligadas ao gênero correspondem à complexidade das relações de hierarquia sociais humanas, que muitas vezes relega a mulher a um lugar subalterno em relação ao homem. Tal inferioridade feminina ocorre por meio da posição social privilegiada que os homens ocupam em relação às mulheres. Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, vemos essas dinâmicas de poder atreladas ao meio social, se sustentando em preceitos religiosos pautados na religião cristã que engloba a narrativa. Com isso, essa conjuntura implica em uma estruturação patriarcal imposta por governantes e sustentada pela concepção machista e opressora, cujo as mulheres são vistas como subordinadas aos homens.

Fugir dessa estrutura hierárquica, que tem como ordem social a construção familiar, a procriação, a obediência e a submissão aos homens, fazem as mulheres serem subvalorizadas, lhes restando poucas opções de sobrevivência, sendo a prostituição uma delas. Desse modo, o feminino torna-se transgressivo na sociedade quando as mulheres não obedecem às convenções estruturais do ambiente social, que as atribuem aos papéis domésticos, familiares e religiosos, sendo essa obrigação, uma restrição à liberdade feminina.

3 A REPRESENTAÇÃO DO DUPLO FEMININO: CORPOS E COMPORTAMENTOS DAS MULHERES

Dividido em três subtópicos teórico-analíticos, este capítulo traz uma abordagem direcionada às personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala, tomando como ponto de partida e cerne das discussões, o destaque para as suas vivências e o lugar que se estabelecem na trama. O primeiro subtópico, intitulado “Duas Marias: uma perspectiva comparativa das personagens”, contrasta as duas personagens Marias, discutindo as diferenças entre elas, partindo de como se colocam na narrativa, e como se relacionam com as pressões externas que moldam suas escolhas e comportamentos. Para isso, os fragmentos selecionados foram escolhidos com base na similaridade entre eles, mostrando situações parecidas de uma e de outra, para compará-las e entender em que ponto se diferem na narrativa.

Em seguida, o segundo subtópico intitulado “Maria de Nazaré e a adequação feminina” traz uma perspectiva acerca das várias imposições e limitações que restringem as mulheres a inúmeros papéis de serventia e obediência cega, colocando em destaque a personagem Maria de Nazaré e suas vivências enquanto uma mulher que ocupa esse lugar de adequação feminina na narrativa. Com este propósito, os excertos escolhidos evidenciam as várias situações em que sua voz, corpo e liberdade sofreram restrições justificadas com o lugar de mulher que ocupa na sociedade.

Por fim, no último subtópico intitulado “Maria de Magdala e a inadequação feminina”, através do olhar voltado para a personagem Maria de Magdala, aborda a condição da personagem em assumir a sua vivência perante a inadequação feminina, que é responsável por lhe conferir os muitos julgamentos, restrições e violências, que são justificadas por seu corpo ocupar um lugar que subverte as muitas regras destinadas às mulheres. Com esse intuito, os fragmentos selecionados revelam a experiência de desafios que as mulheres enfrentam ao não se dispor a aceitar as limitações e as expectativas de gênero direcionadas às mulheres.

3.1 Duas Marias: uma perspectiva comparativa das personagens

Para analisar essas duas personagens emblemáticas, é importante pontuar que a interpretação de suas características e de suas vivências se dará a partir de uma abordagem moderna de eventos sociais metamorfoseados pela Literatura, interpretando uma outra época, em uma outra cultura, com costumes diferentes. Sendo assim, é possível a presença, em alguns momentos, de anacronismos ao se estudar acontecimentos que em sua forma não estão temporalmente adequados e contextualizados. Em *Literatura do presente. História e anacronismo dos textos*, de Susana Scramim (2007, p. 12), vemos que “na modernidade, o saber histórico se vê confrontado com as questões fundamentais da disciplina, que são o anacronismo e o eterno retorno”. Pois, para se interpretar uma obra literária que se passa em um outro tempo, é necessário a volta ao passado (metaforicamente), para conceber questões fundamentais daquele contexto que engloba a trama. Entretanto, se faz indispensável compreender que:

Buscar a categoria do presente nas obras que analisamos não tem o sentido de reencontrar a história cultural de cada época nessas obras, mas sim de descobrir e reconhecer a sua vida interior, que longe de ser apenas documento histórico pertence a um mundo textual, portanto tanto ficcional quanto histórico, porém um mundo no qual os textos declaram e ratificam sua potência discursiva, sua potência de “ser não-”. (Scramim, 2017, p. 25-26)

Entendendo a relação da Literatura com o mundo reescrito nela, por encontrar em seu interior diversas categorias textuais simultâneas, como os textos discursivos e ficcionais. Não havendo espaço para um viés limitador, que a reduz apenas ao entendimento de ser um singelo relato de eventos do passado, mas, sim, uma busca pelo reconhecimento da “vida interior” que cada texto manifesta. Dado que, “[...] a literatura não é um ato qualquer de linguagem uma vez que o ato de linguagem se esgota na sua comunicação.” (Scramim, 2017, p. 26), pois mesmo após cumprir o objetivo de comunicar algo em dado momento, ela ainda se mantém enquanto uma força comunicativa. Dentro do cenário previamente mencionado acima, a interpretação anacrônica se dará ao analisar as personagens cernes deste trabalho, por estas estarem situadas em um outro tempo e cultura.

Dirigindo-se às personagens, percebemos que Maria de Nazaré e Maria de Magdala, duas das personagens femininas mais conhecidas do mundo, possuem muitas diferenças em suas existências, em suas características e na forma que se adequam ao mundo que estão inseridas. Sendo, a primeira, uma mulher do lar, que

se dedica à família – inicialmente apenas ao marido e, posteriormente, também aos filhos –, que casou muito cedo, que teve muitos filhos, carrega em sua maneira de ver a vida a influência de muitos dogmas religiosos e está perfeitamente em concordância a como se espera que as mulheres devem se portar, seguindo as normas sociais de sua época.

Em contraste a isso, a segunda Maria percorre um caminho em contramão a quase tudo que lhe é imposto como um ideal de “boa” mulher a ser seguido. Saiu de casa muito cedo, porém, não para casar como Maria de Nazaré, mas para se prostituir; deixando a prostituição apenas muitos anos depois, para viver uma vida de casada com um homem (Jesus), sem estar propriamente em vínculos matrimoniais. Ela não tem filhos, é mais velha e se relaciona com um homem mais novo. Sendo assim, uma mulher subversiva, em que apenas a sua existência já é suficiente para a tornar uma contraventora, que desafia as normas sociais, culturais, políticas e religiosas do lugar e tempo que vive.

Vemos que elas se diferem em muitos elementos. A termo de comparação dessas duas personagens, buscando ver de que modo se situam na narrativa do livro e como são retratadas nele, os recortes a seguir evidenciam os diferentes tratamentos destinados a Maria de Nazaré e a Maria de Magdala. Usando como um dos critérios diferenciadores, dois termos conceituais, que já foram mencionados neste trabalho, e são utilizados por Zolin (2009, p. 219), sendo eles: “mulher-sujeito” e “mulher-objeto”. Relembrando, essas categorias servem para “[...] caracterizar as tintas do comportamento feminino em face da sociedade patriarcal”, em que a primeira categoria “é marcada pela insubordinação” e a segunda “define-se pela submissão”. Para que esta análise seja mais didática, os trechos são postos um em seguida do outro, primeiro o que se refere a primeira Maria e em seguida, o que concerne a segunda Maria. Deste modo, iniciemos pelo seguinte recorte:

[...] Maria, deitada de costas, estava acordada e atenta, olhava fixamente um ponto em frente, e parecia esperar. Sem pronunciar palavra, José aproximou-se e afastou devagar o lençol que a cobria. Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica, mas só acabou de puxá-la para cima, à altura do ventre, quando ele já se vinha debruçando e procedia do mesmo modo com a própria túnica, Maria, entretanto, abriria as pernas, ou as tinha aberto durante o sonho e desta maneira as deixara ficar, fosse por inusitada indolência matinal ou pressentimento de mulher casada que conhece os seus deveres. (...) Apenas um minuto, ou nem tanto, repousou José sobre o corpo de Maria. (Saramago, 2017, p. 24-25)

Nesse excerto, vemos Maria de Nazaré em um momento íntimo com seu marido, José. Percebemos como a situação se constrói em volta dos desejos do marido, pois é ele quem decide quando e por quanto tempo manterão as relações sexuais, e estas são com o propósito de satisfazê-lo e gerar filhos, de preferência, homens. Sendo assim, pouco importa se Maria também está satisfeita, pois quando o narrador fala sobre um “pressentimento de mulher casada que conhece os seus deveres” (Saramago, 2017, p. 25), evidência o sexo como uma obrigação da mulher com o marido. Deste modo, não importa as vontades dela, pois Maria assume um comportamento passivo em relação a José, é ele quem guia os passos a serem tomados pelo casal, tanto sexualmente quanto nas decisões que impactam as outras esferas do cotidiano. Em contraste a isso, neste outro fragmento, vemos uma construção diferente para um momento íntimo conjugal, em que a mulher é quem assume o lugar ativo na relação, o de conduzir:

Maria de Magdala conduziu Jesus até junto do forno, onde o chão era de ladrilhos de tijolo, e ali, recusando o auxílio dele, por suas mãos o despiu e lavou, às vezes tocando-lhe o corpo, aqui e aqui, e aqui, com as pontas dos dedos, beijando-o de leve no peito e nas ancas, de um lado e do outro. Estes roces delicados faziam estremecer Jesus, as unhas da mulher arrepiavam-no quando lhe percorriam a pele, Não tenhas medo, disse Maria de Magdala. Enxugou-o e levou-o pela mão até a cama, Deita-te, eu volto já. Fez correr um pano numa corda, novos rumores de águas se ouviram, depois uma pausa, o ar de repente tornou-se perfumado e Maria de Magdala apareceu, nua. Nu estava também Jesus, como ela o deixara, o rapaz pensou que assim é que devia estar certo, tapar o corpo que ela descobrira teria sido como uma ofensa. (Saramago, 2017, p. 280)

Nesse recorte, Maria de Magdala aparece guiando Jesus. Ela, uma mulher experiente, que já manteve relações sexuais com muitos homens, enquanto ele, um homem virgem, que terá a primeira experiência sexual. Invertendo os papéis de contraste de experiência entre personagens homens e mulheres que vemos constantemente na Literatura e em produções audiovisuais, como séries e filmes, em que a mulher aparece como uma mocinha, jovem e inexperiente, e o homem geralmente mais velho e experiente, uma espécie de iniciador, conduzindo-a em sua primeira relação sexual. Magdala, portanto, assume um papel que tradicionalmente deveria ser o de Jesus. Muitas vezes, quando a mulher ocupa essa posição dominante sobre seu corpo e vontades, sofre julgamentos, diferente de quando o homem ocupa esse lugar, sendo bem visto. Uma evidente disparidade no tratamento direcionado aos gêneros. Voltando para Maria de Nazaré, vemos José com muitas

desconfianças e vários questionamentos direcionados a ela acerca dos eventos que decorreram a primeira visita do anjo (que mais adiante o conheceremos como Pastor) à sua casa:

Tens a certeza de que o mendigo apanhou a terra do chão, tornou a perguntar, e Maria respondeu, Sim, tenho a certeza, E não brilhava antes, No chão não brilhava. Tanta firmeza teria de abalar a postura de desconfiança sistemática que deve ser a de qualquer homem quando confrontado com os ditos e feitos das mulheres em geral e da sua em particular, mas, para José, como para qualquer varão daqueles tempos e lugares, era doutrina muito pertinente a que definia o mais sábio dos homens como aquele que melhor saiba pôr-se a coberto das artes e artimanhas femininas. Falar-lhes pouco e ouvi-las ainda menos é a dívida de todo homem prudente que não tenha esquecido os avisos do rabi Josephat ben Yohanán, palavras sábias entre as que mais o sejam, À hora da morte se hão-de pedir contas ao varão por cada conversa desnecessária que tiver tido com sua mulher. (Saramago, 2017, p. 33-34)

A desconfiança de José advém de concepções machistas que são responsáveis por estigmatizar as mulheres. Por Maria ser mulher, ele não a vê como alguém que possa confiar, por isso faz repetidos questionamentos, com o intuito de achar alguma incoerência nas falas e nas descrições que ela dá, por exemplo, sobre a primeira visita do anjo. Mostrando a descrença dos homens nas capacidades das mulheres, sendo estimulados a confrontar “os ditos e feitos das mulheres em geral e da sua em particular” (Saramago, 2017, p. 33), pois deviam estar sempre prontos para as “artimanhas femininas” (Saramago, 2017, p. 33). Evidencia que, além delas não serem vistas como confiáveis e inteligentes ao ponto de dominar e interpretar as diversas situações, estão, na concepção dos homens, vendo uma realidade maquiada da vida por serem dominadas pelas emoções. Apenas eles definem o que é verdade ou mentira, real ou imaginário, bom ou ruim. Em comparação a essa situação que a voz de Maria de Nazaré não é respeitada e acreditada, o próximo recorte mostra uma conversa entre Jesus e Maria de Magdala em que ela é quem questiona:

Meu pai foi crucificado há quatro anos em Séforis, chama-se José, Se não estou enganada, és o primogênito, Sim, sou o primogênito, Então não compreendo por que não ficaste com a tua família, era o teu dever, Houve umas diferenças entre nós, e não me perguntes mais nada, Nada que sobre a tua família seja, mas esses anos de pastor, fala-me desse tempo, Não há nada a dizer, é sempre o mesmo, são as cabras, são as ovelhas, são os borregos, e leite, muito leite, leite por todos os lados, Gostaste de ser pastor, Gostei, Por que vieste embora, Aborrece-me, tinha saudades da família, Saudade, que é isso, Pena de estar longe, Estás a mentir, Por que dizer que

estou a mentir, Porque vi medo e remorso nos teus olhos. (Saramago, 2017, p. 284-285)

Nesse recorte em que há um relato de Jesus a Maria de Magdala explicando assuntos íntimos de seu passado, ela o questiona para compreender as motivações de ele não estar com a família e para saber as vivências de quando ele era pastor. Ela, portanto, se porta diferente de Maria de Nazaré, que nem um simples questionamento fazia ao filho e ao marido por temor de como eles poderiam respondê-la. Quando ela diz a Jesus “Estás a mentir” (Saramago, 2017, p. 285), a vemos desafiando à autoridade que é atribuída aos homens, pois ela enfrenta a narrativa que resguarda a autoridade dos homens em definir os valores das ações e emoções, ditando o que pertence a realidade e o que é verdade, principalmente, nesse contexto religioso. Mais adiante, a vemos apontando os sentimentos de Jesus; “Porque vi medo e remorso nos teus olhos” (Saramago, 2017, p. 285), demonstrando a intimidade que eles possuem, pois ele está em um momento de vulnerabilidade emocional, desafiando o estereótipo do homem que não possui sentimentos ou os esconde ao máximo, por compreendê-los como fraqueza que só as mulheres podem ter. Enquanto no recorte a seguir vemos Maria de Nazaré e José calados, em um distanciamento, que não possuíam assuntos a tratar ou não eram íntimos o suficiente para falar o que queriam:

[...] estava José em casa, era isto pela hora do sol-pôr, e estava comendo o seu jantar, sentado no chão e metendo a mão no prato como então era geral costume, e Maria, de pé, esperava que ele acabasse para depois comer ela, e ambos calados, um porque não tinha nada a dizer, outro porque não sabia como dizer o que tinha em mente. (Saramago, 2017, p. 29)

Nessa parte, José está comendo, em casa, e ao seu lado, Maria aguardando o momento em que ela também poderá comer. Nesse contexto, vê-se a desigualdade no acesso aos recursos, nesse caso, aos alimentos, pois José come primeiro e o que sobrar, Maria comerá. Sendo esse episódio, portanto, uma divisão tradicional dos papéis entre homens e mulheres, refletindo estereótipos de gênero em que os homens vêm primeiro por serem os provedores, e as mulheres em seguida por assumirem as tarefas domésticas, e essas, por não serem remuneradas, não assumem o valor de trabalho. Esse trecho também demonstra o silenciamento da voz feminina, pois enquanto o marido não fala “porque não tinha nada a dizer” (Saramago, 2017, p. 29), o silêncio da esposa é justificado “porque não

sabia como dizer o que tinha em mente” (Saramago, 2017, p. 29). Podendo sugerir que ela não se sente encorajada a expor seus pensamentos e vontades, talvez, por estar em um lugar que não serão valorizados e respeitados. Em comparação a esse trecho, temos um contexto e situação parecida entre Maria de Magdala e Jesus, enquanto eles comem ao mesmo tempo:

Maria de Magdala serviu de comer Jesus, e ele não precisou dizer-lhe, Senta-te comigo, porque desde o primeiro dia, na casa fechada, este homem e esta mulher tinham dividido e multiplicado entre si os sentimentos e os gestos, os espaços e as sensações, sem excessivos respeitos de regra, norma ou lei. (Saramago, 2017, p. 288)

Apesar da citação iniciar com uma dinâmica de gênero tradicional, em que a mulher serve a comida ao homem, entretanto, logo em seguida, vemos Jesus chamando Maria de Magdala para sentar ao seu lado, indicando uma quebra da hierarquia tradicional. Mais adiante, o narrador diz “desde o primeiro dia, na casa fechada, este homem e esta mulher tinham dividido e multiplicado entre si os sentimentos e os gestos, os espaços e as sensações” (Saramago, 2017, p. 288). Assim, evidencia as dinâmicas de poder do relacionamento deles, essas se manifestam de forma equitativa. Pois, quando o narrador completa a frase e diz “sem excessivos respeitos de regra, norma ou lei” (Saramago, 2017, p. 288), ele aponta que há uma quebra na forma aceita em que os relacionamentos se constroem no contexto da narrativa, em relação às dinâmicas de gênero, cujo homem é o detentor do poder e a mulher deve se submeter a ele. Como último trecho a ser analisado nesta seção, temos o encontro das duas mulheres, marcantes em suas diferenças e convergentes em suas semelhanças:

Maria de Magdala foi atrás dele, passou ao lado de Maria de Nazaré, e as duas, num relance, olharam-se sem hostilidade nem desprezo, antes com uma expressão de mútuo e cúmplice reconhecimento que só aos entendidos nos labirínticos meandros do coração feminino é dado compreender. (Saramago, 2017, p. 342)

Quando pensamos na interação de duas mulheres como Maria de Nazaré e Maria de Magdala, é compreensível que facilmente deixemos influenciar a julgá-las como rivais, por, geralmente, mulheres tão diferentes como elas, serem colocadas como concorrentes. Porém, nesse recorte, vemos uma abordagem que sugere um viés positivo de solidariedade feminina, rompendo com a rivalidade esperada. Elas

estão ligadas em um “mútuo e cúmplice reconhecimento” (Saramago, 2017, p. 342) que só as mulheres podem ter. Em seguida, vemos uma frase, que expressa de forma poética o rompimento com a visão simplista e limitada dos sentimentos e das emoções femininas, demonstrando a complexidade e profundidade que podem ter os “labirínticos meandros do coração feminino” (Saramago, 2017, p. 342).

A partir dos excertos analisados, vemos que Maria de Nazaré assume um lugar de submissão ao marido e de resignação às leis e normas sociais que definem e limitam os direitos das mulheres. Tornando-a uma mulher sem prerrogativa de expressão, em que sua voz é, por muitas vezes, silenciada. Uma vez que, em vários aspectos de sua vida a contingência de suas liberdades se faz necessário para se manter em conformidade com as normas sociais e religiosas de sua cultura, de modo que, se portava complacente as imposições direcionadas às mulheres.

Em contraponto, Maria de Magdala, quebra regras, desafia normas, contraria paradigmas fixos de como as mulheres devem agir na sociedade e atua reestruturando as dinâmicas de gênero e poder que se estabelecem consistentemente no ambiente que vive, se colocando como dominante em algumas situações que são destinadas aos homens, é uma mulher dissidente, marcada pela insubmissão. Desse modo, nas definições de Zolin (2009, p. 219), Maria de Nazaré está em um lugar que é classificado como o de uma “mulher-objeto”, enquanto Maria de Magdala se estabelece na outra classificação, o de “mulher-sujeito”.

3.2 Maria de Nazaré e a adequação feminina

Entendendo a adequação como uma habilidade ou uma necessidade de alguém ou de algo estar obedecendo, harmonicamente, os requisitos para alcançar conformidade com os padrões ou expectativas estabelecidas em diversos aspectos. Concebendo que a adequação tem um valor limitador de imposição externa, e, desse modo, para o estudo da personagem Maria de Nazaré, esse substantivo ganha um termo complementar, tornando-se então: adequação feminina. Esses dois termos empregados de forma conjunta, servem para evidenciar o modo que as mulheres modificam ou controlam atitudes e comportamentos para se manterem em concordância aos padrões relegados a elas, tal adequação surge consciente ou inconscientemente ao longo de suas vivências.

Para ajudar a compreendermos questões fundamentais como os aspectos sociais, neste caso a adequação feminina, se manifestam em obras literárias e influenciam a interpretação, Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade* (2006, p. 13), traz a percepção de que há duas visões dissociadas acerca de como mostrar o valor e o significado de um texto literário. A primeira é “[...] de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial”. Dando maior importância às manifestações sociais externas em seu interior para a compreensão. Em confronto a isto, vem a segunda visão, que ao buscar “[...] mostrar que (...) a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social” (Candido, 2006, p. 13), influenciando-a um estado de ineficácia como elemento de compreensão, de modo que, a estrutura é quase auto suficiente, não sofrendo nenhuma influência do exterior, se constituindo unicamente em seu interior.

Pensando nisso, Candido (2006, p. 14) atribui que o contexto e o texto devem se fundir, pois o contexto é um “elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura”, mas que este, não se define como causa ou significado, ambos são elementos internos. Sabendo disso, o recorte a seguir traz um fenômeno social externo, contrastando as formas que as duas personagens, um masculino e outro feminino, se dirigem a Deus, podemos destacar também a estrutura do texto, como o narrador aborda as questões ali presentes. No recorte a seguir, a personagem masculina é evidenciada pelo machismo e prepotência, enquanto a personagem feminina pela humildade e submissão:

Enquanto ela puxava para baixo a parte inferior da túnica e se cobria com o lençol, tapando a cara com o antebraço, ele, de pé no meio da casa, de mãos levantadas, olhando o tecto, pronunciou aquela sobre toda terrível bênção, aos homens reservada, Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, por não me teres feito mulher. (...) Apenas, pela primeira vez, se ouviu Maria, e humildemente dizia, como de mulheres se espera que seja sempre a voz, Louvado sejas tu, Senhor, que me fizeste conforme a tua vontade, ora, entre estas palavras e as outras, conhecidas e aclamadas, não há diferença nenhuma, repare-se, Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra, está patente que quem disse isto podia, afinal, ter dito aquilo. (Saramago, 2017, p. 25)

Vemos nesse recorte uma assimetria entre as personagens José e Maria de Nazaré enquanto manifestam gratidão a Deus por serem quem são. O homem agradece por não ser mulher, sugerindo que ele não gostaria de experienciar o que

as mulheres passam, enquanto a mulher agradece a Deus por tê-la feito a sua vontade, mostrando adaptação em ocupar o lugar de submissão que lhe foi concebido. Quando o narrador diz: “pela primeira vez, se ouviu Maria, e humildemente dizia, como de mulheres se espera que seja sempre a voz” (Saramago, 2017, p. 25), nota-se a adequação de Maria à visão tradicional e aos papéis de gênero destinados às mulheres, conformada com as expectativas sociais e culturais que eram direcionadas ao sexo feminino. Além de evidenciar que esse é o lugar imposto às mulheres.

Mais adiante, na história do romance, em um tom crítico, o narrador usa a ironia ao mencionar um trecho bíblico do Evangelho de Lucas, conhecido como “Anunciação”, situado no Novo Testamento, capítulo 1, versículo 38, que a personagem bíblica Maria de Nazaré diz: “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”. Comparando à fala de Maria de Nazaré no livro de Saramago, atribuindo as duas falas a um objetivo comum, em que as mulheres põem-se submissas às vontades divinas, enquanto mostra a prepotência do homem em não demonstrar do mesmo modo essa submissão, se ocupando em expor de forma machista como se vê como alguém superior às mulheres. Sendo aceitável esse comportamento vindo do homem. Adiante vemos como Maria de Nazaré foi afetada pela estrutura patriarcal desde muito jovem, precisando se adequar para se estabelecer no ambiente em que vivia:

Sobre os dotes de Maria, por enquanto, só procurando muito, e mesmo assim, não acharíamos mais do que é legítimo esperar de quem não fez sequer dezasseis anos e, embora mulher casada, não passa duma rapariguinha frágil, por assim dizer dez-réis de gente, que também naquele tempo, sendo outros os dinheiros, não faltavam destas moedas. Apesar da fraca figura, Maria trabalha como as mais mulheres, cardando, fiando e tecendo as roupas da casa, cozendo todos os santos dias o pão da família no forno doméstico, descendo à fonte para acarretar a água, (...) Descalça vai Maria à fonte, descalça vai ao campo, com os seus vestidos pobres que no trabalho mais se sujam e gastam, e que é preciso estar sempre a lavar e remendar, para o marido vão os panos novos e os cuidados maiores, mulheres destas com qualquer coisa se contentam. (Saramago, 2017, p. 28-29)

Esse recorte se destaca por mostrar como a condição infantil das mulheres era explorada, sendo aceitável que fossem entregues ao matrimônio logo na adolescência, como o caso de Maria de Nazaré que “não fez sequer dezasseis anos e, embora mulher casada, não passa duma rapariguinha frágil” (Saramago, 2017, p.

28). Esse costume cultural de casar as mulheres cedo era com o intuito de impedir que elas pudessem iniciar a vida sexual antes de chegar à fase adulta, já propensa a não ser tão férteis, e além disso, na sociedade patriarcal a mulher deve se manter virgem para se adequar às normas sociais e garantir aceitação de sua família e da comunidade que a cerca.

Ainda nesse trecho, vemos as várias tarefas domésticas que eram entendidas como papel das mulheres, e para Maria de Nazaré não seria diferente, ela passava o dia “cardando, fiando e tecendo as roupas da casa, cozendo todos os santos dias o pão da família no forno doméstico, descendo à fonte para acarretar a água” (Saramago, 2017, p. 28). Além disso, os melhores recursos eram destinados aos homens, como vemos a voz do narrador expor: “para o marido vão os panos novos e os cuidados maiores” (Saramago, 2017, p. 29). Vemos a desigualdade, e adiante, reforçando a ideia de que as mulheres como Maria de Nazaré são resignadas e conformadas com suas posições: “mulheres destas com qualquer coisa se contentam” (Saramago, 2017, p. 29). Elas deviam cuidar de suas reputações como mulheres honestas e casadas, pois a mínima suspeita de traição acarretaria julgamentos e punições. No recorte a seguir vemos Maria de Nazaré insegura com a possibilidade de interligarem a visita do mendigo à sua gravidez:

Praza ao Senhor que seja um rapaz, pensava José algumas vezes ao longo do dia, e Maria pensava, Praza ao Senhor que seja um rapaz, mas as razões por que o pensava não eram as mesmas. A barriga de Maria crescia sem pressa, tiveram de passar-se semanas e meses antes que se percebesse às claras o seu estado, e, não sendo ela de dar-se muito com as vizinhas, por tão modesta e discreta ser, a surpresa foi geral nas redondezas, como se ela tivesse aparecido de balão da noite para o dia, Porventura o silêncio de Maria tinha uma outra e mais secreta razão, a de que nunca, por nunca ser, pudesse vir a estabelecer-se uma relação entre a sua gravidez e a passagem do mendigo misterioso, precaução esta que só deveria parecer-nos absurda, sabendo como as coisas se passaram, se não se desse o caso de, em horas de afrouxamento do corpo e livre devaneio do espírito, ter Maria chegado a perguntar-se, mas porquê, Deus Santo, ao mesmo tempo aterrada pela insensatez da dúvida e alterada por um estremeamento íntimo, sobre quem seria, real e verdadeiro, o pai da criança que dentro de si se está formando. (Saramago, 2017, p. 42)

Logo no início, os dois, José e Maria manifestam o desejo de que seu bebê seja do sexo masculino e o narrador deixa em aberto as motivações de cada um sobre essa vontade, diz apenas: “as razões por que o pensava não eram as mesmas” (Saramago, 2017, p. 42). Considerando a sociedade patriarcal que Maria está inserida, interpretamos como uma ilustração da pressão da sociedade sobre a

mulher, havendo a necessidade de gerar descendentes masculinos para o pai. Adiante, vemos Maria preocupada em relação a quem seria o verdadeiro pai do bebê que ela gesta, preocupação motivada por ela saber que a visita do mendigo era, na verdade, a de um anjo. Sendo ele alguém que se sobrepõe à lógica natural que ela conhece, tal acontecimento ocasiona dúvidas, afinal, ele anunciou a gestação antes mesmo de seu marido notar que ela estava grávida. Por isso, o medo de manchar a sua reputação e a julgarem uma mulher infiel a seu marido e destruir a sua imagem de mulher honesta. Seguindo essa visão dos deveres que as mulheres têm que cumprir ao marido, lemos:

Em tudo, assim me disseram que está escrito na lei, a mulher deverá ao marido respeito e obediência, portanto não torno a dizer que esse homem não ia ao meu lado, sustentando tu o contrário, afirmo apenas que não o vi, Era o mendigo, E como podes sabê-lo, se não chegaste a vê-lo no dia em que apareceu, Tinha de ser ele, Seria antes alguém que ia no seu caminho, e, porque caminhava mais devagar que nós, passávamos-lhe à frente, primeiro os homens, depois as mulheres, por acaso estaria ao meu lado quando olhaste, foi isso e nada mais, Então, confirmas, Não, somente procuro uma explicação que te satisfaça, como é também dever das boas mulheres. (Saramago, 2017, p. 69)

Essa parte é composta por uma conversa entre Maria de Nazaré e José, seu marido, durante a viagem de ida a Belém para o recenseamento. José avista um homem caminhando ao lado de Maria e das outras mulheres, entretanto, Maria não vê esse homem e ao expor não haver homem algum a seu lado, é repreendida por José, pois ele compreende como uma insinuação de que ele mentiu. Sendo assim, Maria é obrigada a se justificar: “Em tudo, assim me disseram que está escrito na lei, a mulher deverá ao marido respeito e obediência, portanto não torno a dizer que esse homem não ia ao meu lado, sustentando tu o contrário, afirmo apenas que não o vi” (Saramago, 2017, p. 69). Demonstrando a obediência e submissão de Maria ao marido, além da desvalorização da palavra feminina, pois o simples fato dela expor sua versão de um acontecimento não é suficiente, precisando da validação de outros para atribuir verdade em suas falas. Ainda sobre o silenciamento dela, agora seu filho, Jesus, é quem a repreende:

Eu avistei-te, disse Maria, com força, Avisaste-me quando o mal estava feito, se mal foi, que eu olho para mim e não o encontro, respondeu Jesus, Não há cego tão cego como aquele que não quer ver, disse Maria. Estas palavras enfadaram muito Jesus, que respondeu, repreensivo, Cala-te, mulher, se os olhos do teu filho viram o mal, viram-no depois de ti, mas

estes mesmos olhos, que para ti parece que estão cegos, viram também o que nunca viste e com certeza não verás. A autoridade de filho primogênito e a dureza do tom, além das enigmáticas palavras finais, fizeram ceder Maria, mas a sua resposta ainda levou uma última advertência, Perdoa-me, não foi minha intenção ofender-te, queira o Senhor guardar-te sempre a luz dos olhos e a luz da alma, disse. (Saramago, 2017, p. 297)

Nesse recorte vemos o relacionamento entre mãe e filho, uma subordinação é revelada, Maria de Nazaré não possui liberdade para exercer sua voz. Jesus age de forma autoritária e repreensiva, representando a estrutura patriarcal que estão inseridos na trama. Por ser homem e filho primogênito dela, ele acha ter o direito de censurar atitudes da mãe: “Cala-te, mulher” (Saramago, 2017, p. 297). Sendo destinado ao homem o direito e a autoridade, podendo controlar a voz feminina, limitando as opiniões que são emitidas por elas, para Maria resta o lugar de submissão, como o trecho diz; “autoridade de filho primogênito” (Saramago, 2017, p. 297). Desse modo, ela precisa se adequar, pois é coagida a aceitar passivamente o que Jesus fala, não podendo desafiar o poder masculino.

Para entender a origem da repressão social das mulheres, que assim como Maria de Nazaré, precisam se adequar às normas morais vigentes, precisamos compreender o conceito de cultura e como ela implica na subjugação da mulher. De acordo com Boris e Cesídio, em *Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade*, a cultura corresponde “[...] aos modos de vida de qualquer sociedade, cujos costumes de conduta, comportamentos e formas de pensar são compartilhados e transmitidos pelas pessoas que a compõem e passados de uma geração a outra” (Boris e Cesídio, 2007, p. 455). Mas afirmam que nem toda característica particular dos indivíduos deve ser entendida como uma conduta cultural, pois esta é representada somente pelas “[...] transformações sociais, históricas, políticas e econômicas que a sociedade sofre” (Boris e Cesídio, 2007, p. 455).

Mulheres como Maria de Nazaré, portanto, não são livres para agir da maneira que querem por estarem inseridas em um contexto que as reprime. Sendo esse contexto composto por uma cultura que possibilita poucos papéis e lugares, devendo se contentar em serem cuidadoras, mães e esposas. Por aprenderem a viver assim desde que nasceram, elas se conformam, enxergando esse modo de vida como algo natural e inato, não percebendo problemas na constituição desse sistema, pois já é internalizado na mentalidade de muitas mulheres que a essência

feminina requer adequação, não questionamento, aceitação das repressões e opressões.

3.3 Maria de Magdala e a inadequação feminina

Ao contrário da adequação, a inadequação é entendida como ausência ou quebra de conformidade ou de propriedade a padrões, ou mesmo, como um rompimento da necessidade de obedecer às expectativas, os contextos, as normas e as situações específicas que são impostas a algo ou a alguém. Deste modo, ao trazermos esse conceito para a análise da personagem feminina Maria de Magdala, assim como ocorreu com Maria de Nazaré ao tratarmos de adequação feminina, este ganha obrigatoriamente um termo complementar, por conseguinte, trata-se da inadequação feminina.

Compreendendo a inadequação feminina como uma ruptura das mulheres com as imposições e normas do sistema patriarcal de como devem agir, não se ajustando a sociedade em alguns aspectos. Em consequência a isso, muitas vezes, por romperem com o modo que a sociedade espera que as mulheres se portem, se submetendo a homens e as muitas violações cometidas por eles, como punição, as mulheres podem ser vítimas da exclusão de suas famílias, da comunidade que vivem e de alguns ambientes por as julgarem indignas de frequentá-los. Segundo Boris e Cesídio (2007, p. 462), a partir da visão de Fischer sobre o controle mantido por instituições como a igreja e a família, que ainda conservam o domínio sobre o corpo e o comportamento feminino, vem mostrar que:

[...] a família e a Igreja ainda tentam impor o que é certo e o que é errado, apontando o que é considerado bom comportamento e o que é inaceitável para uma moça e ressaltando o valor especial atribuído ao casamento e à obediência a padrões e a valores de moralidade estabelecidos e mantidos durante diversas gerações.

Assim, os autores ressaltam que as mulheres, a partir da visão patriarcal, têm deveres morais a serem cumpridos se associando a um homem através do matrimônio, para, assim, estabelecer a dignidade a seus corpos que a igreja e a família determinam. Em consequência a isso, o não cumprimento desses deveres resulta em degradação de suas naturezas, não lhes garantindo que sejam valorizadas e aceitas socialmente. Trazendo esse discernimento para a personagem

Maria de Magdala, sabendo da sua vivência enquanto prostituta, e do afastamento e não reconhecimento de sua família nesse período, essa perspectiva da associação ao homem se evidencia, pois o corpo dela era constantemente visto como impuro e objetificado pelos homens que a procuravam apenas como objeto de satisfação de seus desejos carnis, havendo uma mudança de percepção apenas quando se associou a Jesus em um relacionamento. Partindo do que foi discutido, o recorte a seguir do livro de Saramago aborda o primeiro encontro de Maria de Magdala com Jesus:

Jesus chamou, Ó de dentro, disse, e, acto contínuo, uma mulher apareceu à porta, como se justamente estivesse à espera de que a chamassem, embora, por um leve ar de surpresa que começou por aparecer-lhe na cara, pudéssemos ser levados a pensar que estaria antes habituada a que lhe entrassem pela casa dentro, sem bater, o que, se bem considerarmos as coisas, teria menos razão de ser que em outro qualquer caso, pois esta mulher é uma prostituta e o respeito que deve à sua profissão manda-lhe que feche a porta de casa quando recebe cliente. (Saramago, 2017, p. 275)

Esse fragmento mostra como os homens tratavam Maria de Magdala enquanto ela era prostituta, pois o narrador expõe que ela “estaria antes habituada a que lhe entrassem pela casa dentro, sem bater” (Saramago, 2017, p. 275), apontando que os homens a procuravam para a satisfação carnal e agiam sem o menor respeito a sua privacidade e propriedade, por talvez, não a considerarem como um ser ou uma pessoa igual a eles, mas sim, alguém inferior que não possuía direitos, devendo ela estar disponível para eles a todo momento. Ou seja, ela era um ser marginalizado que seu valor era atribuído apenas ao dever de servir aos homens.

Adiante, quando o narrador diz que ela em respeito à sua profissão deve fechar a porta quando está com clientes, pode sugerir que, por mulheres que exercem o ofício de prostitutas serem mal vistas pelas outras pessoas, principalmente as mais religiosas, para evitar julgamentos essas mulheres devem se colocar à margem, praticando os atos que são vistos como profanos longe do olhar e depreciação da sociedade que as condena. Ainda no primeiro encontro de Maria de Magdala e Jesus, o narrador aparece mostrando percepções de Jesus acerca da casa de Magdala e suposições sobre ela:

Jesus olhou em redor o pátio, surpreendido porque em sua vida nunca vira nada tão limpo e arrumado. Está desconfiado de que a mulher é uma

prostituta, não por particular habilidade sua em adivinhar profissões à primeira vista, ainda não há muitos dias ele próprio poderia ter sido identificado pelo cheiro a gado cabrum que tresandava, e agora todos dirão, É pescador, foi-se aquele cheiro, outro veio, que não tresanda menos. A mulher cheira a perfume, mas Jesus, apesar da sua inocência, pois não lhe faltaram ocasiões de ver como procediam bodes e carneiros, tem bom senso que chegue para considerar que cheirar bem do corpo não é razão suficiente para afirmar que uma mulher é prostituta. Na verdade, uma prostituta deveria cheirar que frequenta, a homem, como o cabreiro cheira a cabra e o pescador a peixe, mas talvez, sabe-se lá, essas mulheres se perfumem tanto justamente por quererem esconder, disfarçar ou, mesmo, esquecer o cheiro do homem. (Saramago, 2017, p. 276-277)

O narrador, a partir da perspectiva da personagem Jesus, vai descrevendo o ambiente da casa de Maria de Magdala como “limpo e arrumado” (Saramago, 2017, p. 276), indicando surpresa, pois nesse contexto, com essa atmosfera religiosa e patriarcal que constitui o lugar e o tempo que Magdala vive, não era comum mulheres morarem sozinhas nas boas condições em que ela morava, isso contribuiu com a suspeita de Jesus de que ela seja uma prostituta. Pois as mulheres tinham poucas opções de trabalho e costumavam ter baixa remuneração, as impedindo de se manter com conforto. Magdala, portanto, representava uma exceção ao que Jesus era acostumado, logo, suspeitou da única profissão que ele conhecia que poderia justificar os pequenos luxos que ela usufruía.

Adiante, ainda nesse recorte, quando o narrador diz: “Na verdade, uma prostituta deveria cheirar que frequenta, a homem, (...) mas talvez, sabe-se lá, essas mulheres se perfumem tanto justamente por quererem esconder, disfarçar ou, mesmo, esquecer o cheiro do homem” (Saramago, 2017, p. 277), essa fala indica o constrangimento que algumas mulheres que se prostituem têm em serem percebidas como tal, além de mostrar uma possível relação de querer disfarçar e esquecer o cheiro de homem, visto que, por trabalharem com a prostituição e viverem sozinhas, estão sujeitas a muitos riscos e violências masculinas, que podem ocasionar em traumas, pois os homens geralmente as veem de modo objetificado, não destinando respeito, educação e cuidado. O próximo recorte traz um diálogo entre Maria de Magdala e Jesus:

Guarda-se na tua lembrança, nada mais, e Jesus, Não esquecerei a tua bondade, e depois, enchendo-se de ânimo, Nem te esquecerei a ti, Porquê, sorriu a mulher, Porque és bela, Não me conhecestes no tempo da minha beleza, Conheço-te na beleza desta hora. O sorriso dela esmoreceu, extinguiu-se, Sabes quem sou, o que faço, de que vivo, Sei, Não tiveste mais que olhar para mim e ficaste a saber tudo, Não sei nada, Que sou

prostituta, Isso eu sei, Que me deito com homens por dinheiro, Sim, Então é o que digo, sabes tudo de mim, Sei só isso. (Saramago, 2017, p. 278)

Nesse diálogo é possível sentir a gratidão de Jesus por Maria de Magdala ter se dedicado e cuidado dele no momento que ele precisou, quando machucou o pé; também, se destaca o afeto mútuo que eles estão construindo e o início do encanto e da paixão que se estenderá entre eles até o fim desta trama. Magdala aparece questionando Jesus, para saber se ele havia percebido que ela é uma prostituta: “Sabes quem sou, o que faço, de que vivo” (Saramago, 2017, p. 278). Quando ele responde que sabe, ela diz “Não tiveste mais que olhar para mim e ficaste a saber tudo” (Saramago, 2017, p. 278). Nessa fala, ela se reduz a única dimensão da sua profissão, talvez por muito tempo, por só esse lado dela ter se sobressaindo na visão dos que a cercam. Enquanto ele, ao afirmar que sabe só isso sobre ela, demonstra que a vê a partir da complexidade que ela possui enquanto humana e mulher, sobrepondo os rótulos e estereótipos que são atribuídos a ela. Assim como os dois excertos anteriores, o que se segue é um diálogo entre Maria de Magdala e Jesus, mas agora, conversando sobre os eventos que ocorreram durante a visita de Jesus a casa de sua mãe:

[...] Maria de Magdala, rompendo pela primeira vez o silêncio, perguntou, contudo no tom de quem antecipadamente conhece a resposta, Tua mãe não acreditou em ti, Assim é, respondeu Jesus, E por isso voltaste a esta outra casa, Sim, Quem me dera poder mentir-te, para te dizer que também não acredito, Porquê, Porque tornarias a fazer o que fizeste, ir-te-ias daqui como te foste de tua casa, e eu, não te crendo, não teria de seguir-te, Isso não responde à minha pergunta, Tens razão, não responde, Então, Se eu não acreditasse em ti, não teria de viver contigo as coisas terríveis que te esperam, E como podes saber tu que me esperam coisas terríveis, Não sei nada de Deus, a não ser que tão assustadoras devem ser as preferências como os desrezos, Onde foste buscar tão estranha ideia, Terias de ser mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus (Saramago, 2017, p. 307)

Nessa conversa, Maria de Magdala demonstra preocupação com o futuro de Jesus, evidenciando possuir uma ligação emocional com ele, e por isso, gostaria de mentir para ele e afastá-lo, evitando vê-lo passar pelos eventos terríveis que ela acredita que ele passará. Em seguida, ao ser questionada por Jesus de como ela pode saber que vão ocorrer “coisas” terríveis a ele, ela justifica: “Não sei nada de Deus, a não ser que tão assustadoras devem ser as preferências como os desrezos” (Saramago, 2017, p. 307). Adiante, conclui o pensamento “Terias de ser

mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus” (Saramago, 2017, p. 307), sugerindo uma reflexão sobre as muitas violências, injustiças e desigualdades que as mulheres enfrentam na sociedade, principalmente as em desvio das normas sociais como Maria de Magdala, que são refletidas pelo patriarcado e muitas vezes, justificadas e apoiadas a partir de concepções religiosas que selecionam quais mulheres são dignas de proteção e quais não são. No próximo recorte é possível ver os anseios de Maria de Magdala com a visita que fará a família depois de anos que viveu como prostituta:

[...] Depois dos anos passados, não sabia Maria de Magdala como iriam recebê-la os seus irmãos, de mais tendo ela saído de casa para viver uma má vida, Talvez até pensam que morri, dizia, talvez mesmo desejem que eu tenha morrido, e Jesus tentava afastar-lhe da cabeça as negras ideias, O tempo cura tudo, sentenciava (...). Entraram em Betânia, Maria cobrindo meio o rosto, por vergonha de que a reconhecessem os vizinhos, e Jesus, suavemente, repreendia-a, De que te escondes, não és mais a mulher que viveu a outra vida, essa já não existe, Não sou quem fui, é verdade, mas sou quem era, e aquela que sou e aquela que era ainda estão atadas uma à outra pela vergonha daquela que fui, Agora és quem és, e estás comigo, Bendito seja Deus por isso, ele que de mim te levará um dia, e Maria deixou cair o manto, mostrando o rosto, porém ninguém disse, Ali vai a irmã de Lázaro, aquela que foi viver de prostituta. (Saramago, 2017, p. 406)

Maria de Magdala sente-se envergonhada ao retornar à casa de sua família, antecipando um possível julgamento e desprezo vindo dos vizinhos e dos próprios familiares, que era o comum a ser destinado às mulheres que desviavam do imposto a elas. Por ela ter levado a vida como prostituta, era esperado que os familiares não aceitassem mulheres nessa condição para retornar ao lar, pois acreditavam que elas atentaram contra a moral e mancharam a reputação da família, sujando deste modo, a honra de si mesmas e do pai ou de algum homem que esteja ocupando a posição de patriarca daquela família.

Em *Manifesto antimaternalista*, vemos o questionamento da posição de aceção das mulheres aos deveres de casar e constituir família, discorrendo acerca das imposições e limitações que as mulheres enfrentam ao fugir da norma, Vera laconelli (2023, p. 61) diz: “Se renunciasse à família e ao lar para dar vazão a seus anseios e paixões, a mulher tornava-se decaída e sem salvação. O isolamento social ou a morte selaram seu destino, ainda que estivesse apenas repetindo o comportamento masculino”. Pois as mesmas atitudes quando são feitas por homens, muitas vezes, são toleradas ou endossadas, mas quando feitas por mulheres são

mal vistas e repudiadas. Como o caso da personagem Maria de Magdala, por renunciar à família lhe restou como punição uma posição de vergonha e desprezo vindo das outras pessoas.

Portanto, como Maria de Nazaré, Maria de Magdala encontra-se imersa em uma cultura que a objetifica, controla e restringe seu comportamento. Contudo, a condição de Maria de Magdala enquanto mulher transcende e subverte as normas culturais, colocando-a em um confronto ainda mais profundo com as expectativas sociais estabelecidas nesse contexto moral e religioso que ela está inserida, em relação ao papel feminino que ocupa. Seu corpo, que não se enquadra nos padrões estabelecidos de feminilidade, pois não age de forma obediente e resignada, torna-se alvo de diversas formas de violência e subjugação, expondo-a a uma realidade de opressões que vão além das limitações tradicionais impostas às mulheres que se adequam às imposições e limitações do corpo feminino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto um sistema que engloba as muitas esferas da vida das mulheres na sociedade, o patriarcado foi um ponto pertinente neste estudo. Ao examinarmos o patriarcalismo que atravessa as personagens Marias em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2017), de José Saramago, foi evidente que este ocupou um papel fundamental na construção do romance e das personagens que nele estão inseridas. Pois é através da interpretação da influência do sistema patriarcal que podemos observar o lugar que as personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala estão inseridas na história, bem como, seus modos de adequação ou combate a esse sistema, suas características e seus pertencimentos às dinâmicas de poder que as restringe aos lugares que ocupam ao se relacionarem com os outros personagens. Definindo, portanto, o problema de pesquisa como: a estrutura patriarcal, machista e opressora, que delimita os espaços e os papéis das duas personagens na obra aqui citada.

Deste modo, nos questionamos quais as representações do feminino são configuradas a partir das duas Marias, tendo como resultado que as representações do feminino, configuradas a partir das duas Marias, surgem de modo a aproximar ou afastar das imposições patriarcais no livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, onde estas estão condicionadas aos ideais conservadores e religiosos, exigindo um comportamento feminino contido que segue o padrão de submissão aos homens, e qualquer ato de rebeldia, insubordinação e autonomia exercidos pelas mulheres ocasionava punições, desde o afastamento familiar a até mesmo, múltiplas violências físicas/psicológicas ou no pior dos casos, a morte. Uma vez que a motivação dessas violências é o não enquadramento das mulheres nesse sistema de dominação masculina, nota-se que esse sistema atua não as aceitando a partir de suas individualidades, ocasionando julgamentos e punições por quebrarem as expectativas e estereótipos de gênero determinados pelo patriarcalismo.

Nos levando a responder o segundo questionamento, de como as limitações construídas pelo sistema patriarcal regula e oprime as ações das personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala no romance saramaguiano. Trazendo os resultados que a textualização do sistema patriarcal, buscando regular e oprimir as ações das personagens no romance saramaguiano aqui estudado, atuou criando barreiras sociais de diferenciação de gêneros, em que o masculino, sustentado por

instituições como a família e a igreja, foi o responsável por ditar, controlar e condenar o comportamento feminino, além de atribuir às mulheres um lugar de secundárias aos homens.

Por fim, o terceiro e último questionamento, buscou compreender de que modo os termos conceituais “mulher-sujeito” e “mulher-objeto” recriam as relações patriarcais na trama evangelista de José Saramago. Tendo como resultado que os termos “mulher-sujeito” e “mulher-objeto”, atuaram recriando as relações patriarcais no romance, servindo para guiar na compreensão de como as personagens Marias são configuradas e referenciadas nesse universo desenvolvido por Saramago, como se enquadram nessas classificações, como se impõem ativa ou passivamente em contraste com a sociedade hegemônica masculina elaborada no mundo ficcional em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Evidenciando o lugar de adequação que mulheres como Maria de Nazaré precisam ocupar para se protegerem e garantir que não sejam vitimadas pelas muitas violências/opressões que se destinam às mulheres que subvertem as normas da sociedade, como Maria de Magdala enquanto atuava como prostituta e era vítima de julgamentos, além de precisar, nesse período, se afastar de sua família, sendo, portanto, marginalizada.

Partindo dos resultados expostos, com o propósito de atender o objetivo geral de comparar as vivências das duas personagens Marias considerando o patriarcado na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, bem como, os objetivos específicos, sendo eles de entender como o machismo engendra o comportamento das personagens Marias e suas ações; interpretar a estrutura patriarcal social e as formas de tratamento dadas às duas Marias; e contrastar os papéis de submissão e autonomia das personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala. Para isso, se fez necessário a divisão deste trabalho em duas seções de desenvolvimento, em que a primeira, ficou responsável por interpretar o patriarcado e as construções do feminino que surgiram a partir dele, ou seja, uma visão ampliada da estrutura. Possibilitando observar, partindo do contexto, o modo que o machismo engendra o comportamento das personagens Marias, além de discutir os diferentes tratamentos destinados a elas neste ambiente tradicionalista, influenciado pela condição de ser mulher, evidenciando que são comumente julgadas, independente de se colocarem como adeptas ou não das imposições.

Enquanto a segunda seção, abarcou as personagens Maria de Nazaré e Maria de Magdala, a partir de uma comparação entre suas vivências, e, um olhar

voltado a suas individualidades. Em que, partindo dessa comparação, compreendemos os papéis de submissão e autonomia em que elas se enquadram, que são responsáveis por às atribuir aos termos conceituais propostos por Zolin, de “mulher-sujeito” e “mulher-objeto”, em que Maria de Nazaré correspondeu ao segundo termo e Maria de Magdala ao primeiro. Desta maneira, foi possível atingir os objetivos estipulados, pois os dois capítulos são capazes de proporcionar uma análise das dinâmicas patriarcais que a obra manifesta, além de priorizar as personagens Marias.

Adentrando ao quadro teórico, nesta primeira seção, intitulada "PODER E GÊNERO: DINÂMICAS DO FEMININO EM TRANSGRESSÃO", o subtópico "O patriarcado em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*", fundamentou-se nos pressupostos teóricos de diversos autores essenciais para a construção desta pesquisa. Sendo eles: Durão (2020); Bosi (1988); Bonnici (2009); Federici (2004) e Morgante e Nader (2014). Enquanto o segundo subtópico “As representações femininas estabelecidas pelo patriarcado: uma análise literária”, embasou-se nos seguintes autores: Fiuza (2010); Zolin (2009) e Matos e Santana (2011). Esses estudiosos forneceram a base teórica que permitiu explorar os objetivos propostos, oferecendo interpretações/análises cruciais sobre as dinâmicas de poder e gênero, as representações do feminino que surgem partindo do patriarcado e as formas de violações que permeiam o universo ficcional e impactam às personagens femininas na obra em análise.

Nesta segunda seção, intitulada "A REPRESENTAÇÃO DO DUPLO FEMININO: CORPOS E COMPORTAMENTOS DAS MULHERES", o primeiro subtópico "Duas Marias: uma perspectiva comparativa das personagens" fundamentou-se nos estudos de Scramim (2007) e Zolin (2009). No segundo subtópico "Maria de Nazaré e a adequação feminina", foram utilizados os teóricos: Candido (2006) e Boris e Cesídio (2007). Por fim, o último subtópico "Maria de Magdala e a inadequação feminina", contou com as contribuições teóricas de Boris e Cesídio (2007) e Iaconelli (2023). Esses teóricos enriqueceram o quadro analítico ao oferecerem perspectivas críticas e embasadas que permitiram estabelecer uma compreensão mais profunda das representações das personagens, ao compará-las e em seguida partindo para a análise individual delas na obra em estudo, atendendo os objetivos propostos nesta pesquisa.

Considerando o exposto, esta pesquisa é capaz de proporcionar benefícios nos próximos estudos na obra de José Saramago, especialmente na categoria personagens femininas. Somando a isso, surge, também, a contribuição com o debate e estudos dos elementos sociais que compõem as obras literárias, neste caso, o patriarcado, as representações do feminino e imposições/opressões que se sustentam nesse sistema. Além de atuar no estímulo à leitura e, conseqüentemente, no surgimento de novos leitores, fomentando a pesquisa a partir de uma nova interpretação, que contribui a um maior entendimento da obra aqui estudada.

REFERÊNCIAS

- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda; **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. **Revista: Mal-estar e Subjetividade**, vol. VII, núm. 2, setembro, 2007, p. 451-478. Universidade de Fortaleza: Fortaleza, Brasil.
- BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: BOSI, Alfredo. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Editora Ática, 1988. p. 274-287.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 121-138.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva** (Coletivo Sycorax, trad.). São Paulo: Editora Elefante, 2017, 464 páginas.
- FIUZA, Sílvia Regina de Almeida; ARAÚJO, Ricardo Augusto Benzaquen de. **Imagens do Feminino: a construção de gêneros na televisão brasileira**. Rio de Janeiro, 2010, 301 p. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução** - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- MATOS, Cândida Margarida Oliveira; SANTANA, Anabela Maurício de. **Gênero e poder: só não vê quem não quer**. COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 5., 2011, São Cristóvão. Anais eletrônicos... São Cristóvão: EDUCON, 2011. Disponível em: <http://educonse.com.br/2011/>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas. Rio de Janeiro; 2014.
- OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes de. **Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago**. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2012.
- SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCRAMIM, Susana. **Literatura do presente**. História e anacronismos dos textos. 1ª edição. Chapecó: Editora Argos, 2007.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.